

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

GEOGRAFIA ECONÓMICA

Unidade Curricular do 1º Ciclo

Maria Madalena Saraiva Pires da Fonseca

Porto

Maio 2008

ÍNDICE

1. Apresentação	5
2. Geografia Económica: Unidade Curricular do Curso de 1º ciclo – Licenciatura em Geografia 7	
2.0. O impacto do Processo de Bolonha	8
2.1. Programa	10
2.1.1. Programa Base (Reprodução da Ficha da Unidade Curricular disponível no SIGARRA)	12
2.1.1.1. Objectivos	16
2.1.1.2. Métodos de Ensino	17
2.1.1.3. Modo de Avaliação	18
2.1.2. Programa 2007/2008	20
Sessão 1 (21 e 22 de Fevereiro de 2008): Apresentação.....	21
Sessão 2 (28 e 29 de Fevereiro de 2008)	22
Sessão 3 (6 e 7 de Março de 2008)	23
Sessão 4 (13 e 14 de Março de 2008)	24
Sessão 5 (27 e 28 de Março de 2008)	25
Sessão 6 (3 e 4 de Abril de 2008)	26
Sessão 7 (10 e 11 de Abril de 2008)	28
Sessão 8 (17 e 18 de Abril de 2008)	30
Sessão 9 (24 de Abril e 2 de Maio de 2008)	31
Sessão 10 (16 e 17 de Maio)	32
Sessão 11 (23 de Maio de 2008)	33
Sessão 12 (29 e 30 de Maio)	34
Sessão 13 (5 de Junho de 2008)	38
2.2. Conteúdos.....	39
2.3. Métodos de ensino-aprendizagem	40
2.3.1. A Independência	40
2.3.2. O Método de Trabalho	41
2.3.3. A Aprendizagem Colectiva.....	42
2.3.4. A Iniciação à Investigação: a Aprendizagem Individual.....	42

2.3.5. Plataforma de <i>e-learning</i>	43
3. Conclusão.....	45
4. Bibliografia.....	46

1. Apresentação

O presente relatório incide sobre o programa, conteúdo e métodos de ensino da unidade curricular de Geografia Económica do Plano de Estudos do Curso de 1º Ciclo (Licenciatura) em Geografia, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) e visa responder ao disposto no artº 44, nº 2, do Estatuto da Carreira Docente Universitária (Decreto-Lei nº 448/79, de 3 de Novembro, ratificado com emendas pela Lei nº 19/80 de 16 de Julho) para efeitos de candidatura ao **Concurso para Professor Associado do Departamento de Geografia** da mesma Faculdade, a que se refere o Edital nº38/2008 de 2 de Janeiro, publicado no Diário da República, 2ª série, nº 7, de 10 de Janeiro de 2008.

Ainda que com uma designação idêntica a disciplinas de Curricula anteriores, a unidade curricular de Geografia Económica encontra-se a funcionar pela primeira vez, na FLUP, com o actual Programa, no presente Semestre (2º Semestre 2007/2008).

A geografia económica, como outros ramos da Geografia, abrange um domínio específico da disciplina, não obstante partilhar com os restantes, os mesmos fundamentos teóricos e os mesmos objectivos programáticos. Ao longo do tempo, esses fundamentos teóricos foram evoluindo, acompanhando a evolução mais geral da Geografia e da própria Ciência, dominando, em cada época, um ou vários paradigmas ou modelos.

Basicamente a geografia económica tem como objectivo a compreensão da organização da economia no espaço. Como e porquê se distribuem as actividades económicas no território, como se organizam, que factores as condicionam, como se modificam, se estruturam ao longo do tempo e a diferentes escalas, do local ao global. Na actualidade e no quadro da globalização, a estruturação das cadeiras de valor e a dinâmica das redes globais de fornecedores e clientes, conduzem a padrões de dispersão ou aglomeração específicos, que os paradigmas teóricos procuram explicar de forma a apoiar políticas de crescimento e desenvolvimento económico aos diferentes níveis da política económica e/ou social.

A geografia económica procura assim, uma explicação teórica da organização espacial da economia, descreve e analisa os processos espaciais na sua vertente de investigação empírica, nomeadamente as causas e efeitos das disparidades regionais no desenvolvimento económico e intervem no planeamento com vista à realização de objectivos económicos e sociais.

A proximidade à economia e uma viragem cultural (*the cultural turn*) vieram, no passado mais recente, retirar alguma popularidade à geografia económica, no quadro da geografia humana

em geral. A globalização por seu turno, tem posto em causa muitos dos paradigmas tradicionais que sobreviveram até à actualidade.

Com efeito, as fronteiras entre a geografia económica e a economia sobrepõem-se, como é compreensível e as relações entre as duas disciplinas, formalmente, não têm sido muito intensas, nem têm trazido grandes contribuições teóricas. É mais ao nível individual, dos geógrafos e dos economistas que essas relações se estabelecem e dão resultados. Uma vez por necessidade de compreensão de conceitos, modelos ou metodologias, outras por evidentes vantagens de cooperação no estudo de casos, geógrafos e economistas trabalham em conjunto sem a preocupação de definir fronteiras. Institucionalmente pode dizer-se porém que há um afastamento claro, por vezes ostensivo.

A Geografia Económica é uma unidade curricular de base para estudantes na fase inicial da sua formação. Sem ter a pretensão de envolver os estudantes numa investigação científica avançada, não pode deixar de corresponder a um estudo avançado, profundo, de grande precisão, actualidade e qualidade. Como grande objectivo, a Geografia Económica quer familiarizar os estudantes com os conceitos básicos relacionados com a expansão, difusão e distribuição da actividade económica à superfície da Terra. A construção de uma global está cada vez mais avançada erodindo o mosaico das economias nacionais, antes controladas pelos respectivos governos e agora abertas. O estudo inicial da geografia económica inclui uma primeira abordagem dos factores que actuam no quadro da globalização actual assim como dos fundamentos da economia regional e das teorias clássicas de localização e comércio.

O presente relatório é composto por quatro partes. O segundo ponto corresponde à parte principal do relatório e inclui vários sub-capítulos, nomeadamente a apresentação do Programa da unidade curricular, dos conteúdos, dos métodos de ensino-aprendizagem e a bibliografia fundamental. O terceiro ponto consiste numa avaliação sumária do funcionamento da unidade curricular no presente Semestre, com a indicação das alterações previstas para o próximo ano lectivo. O quarto e último ponto refere-se a um pequeno conjunto de referências bibliográficas complementares, de apoio ao desenho do Programa da Geografia Económica e à elaboração do presente relatório. Enquanto que as referências bibliográficas inseridas no Programa Base estão todas directamente ligadas com o mesmo Programa, estas referências são essencialmente de enquadramento da disciplina, metodologias e ambientes de ensino-aprendizagem e outros estudos que não estão directamente dirigidos para os estudantes inscritos.

Neste momento, não é possível fazer uma avaliação completa dos resultados das alterações introduzidas pelo Processo de Bolonha em toda a sua extensão. Encontramo-nos numa fase inicial e, como noutros cursos e noutras instituições, nacionais e estrangeiras, estamos num processo de aprendizagem colectiva entre estudantes, professores e instituições.

Importa porém ressaltar que não ocorreu nenhuma ruptura estrutural no sistema de ensino, nem isso seria sequer possível ou desejável. Muito do que a Declaração de Bolonha explicitou estava já em aplicação. Nem os próprios professores seriam capazes de mudar os seus métodos de imediato, por imposição governamental. Os métodos de ensino há muito tempo que vinham mudando. O ensino estava já cada vez mais centrado no aluno, recorria a técnicas de mobilização das capacidades e conhecimentos pessoais, procurava desenvolver competências dirigidas para uma boa inserção no mercado do trabalho, usava as TIC de forma intensiva e outras práticas mais inovadoras. O professor era, como é agora, um facilitador da aprendizagem, não deixando de ser um especialista na sala de aula. Na Geografia Económica como antes em disciplinas da mesma área, o professor, nessa qualidade de especialista, apresenta aos estudantes, se for oportuno e quando se adaptar aos tópicos em análise, o seu trabalho pessoal, resultados de pesquisas, metodologias, artigos científicos ou outros estudos, com carácter demonstrativo. Ainda que, na maior parte dos casos, numa fase inicial da Licenciatura, os estudantes não consigam discutir com grande profundidade os trabalhos apresentados, o debate é sempre um espaço de aprendizagem muito eficaz.

A Universidade de hoje é diferente da Universidade do passado e já o era nas vésperas da Declaração de Bolonha. Na sua essência, a Universidade, continua a desempenhar um conjunto de funções em torno de dois eixos fundamentais: a produção e difusão de saber/conhecimento e o ensino/formação dos cidadãos. A forma, intensidade e importância relativa como essas funções são desenvolvidas têm porém evoluído ao longo do tempo.

2. Geografia Económica: Unidade Curricular do Curso de 1º ciclo – Licenciatura em Geografia

Com a adaptação da Licenciatura em Geografia, da FLUP ao Processo de Bolonha e à construção do Espaço Europeu de Ensino Superior (EEES) estabeleceram-se novas regras para a leccionação das disciplinas, agora designadas por unidades curriculares. Tratando-se de um processo em fase de experiência, há permanentes adaptações e muitas alterações haverá ainda no futuro.

Relativamente à unidade curricular Geografia Económica, a que se refere o presente relatório, é a primeira vez que este Programa é aplicado, com os respectivos conteúdos e métodos de ensino-aprendizagem. Nessa conformidade, mais do que uma proposta definitiva e avaliada, o que de seguida se apresenta é uma proposta aberta que, no próximo ano, sofrerá novos rearranjos.

No processo de adequação do Curriculum da Licenciatura em Geografia, a Geografia Económica sofreu uma penalização adicional pelo facto de se destinar excepcionalmente, no presente Semestre, a estudantes do 1º ano e do 2º ano, devido à necessidade de manter um regime transitório para estudantes da antiga licenciatura, agora abrangidos por Bolonha. Globalmente estão inscritos quase 200 estudantes na unidade curricular (196) no ano de 2007/2008.

Não só pelo número de estudantes inscritos, como pela diferente preparação de base, houve necessidade de proceder a alterações na programação feita anteriormente, no final do ano lectivo de 2006/2007. Precorrido praticamente todo o semestre é possível afirmar que os trabalhos decorreram com normalidade e os estudantes têm-se manifestado positivamente relativamente à Geografia Económica.

O presente relatório não inclui uma análise das relações de complementaridade e coerência entre as diferentes unidades curriculares do Curso de 1º Ciclo de Licenciatura em Geografia da FLUP, uma vez que tal é exterior ao objectivo do mesmo. De qualquer forma é importante referir que houve, no Departamento de Geografia, uma identificação dos objectivos e conteúdos principais de cada unidade curricular, aquando da adequação dos curricula ao processo de Bolonha. Assim, ainda que a selecção dos conteúdos base e o desenho da estrutura fundamental deste curso de Geografia Económica sejam da minha inteira responsabilidade, foi assegurada a sua articulação com os outros cursos próximos, entre todos os colegas professores dessas unidades curriculares.

2.0. O impacto do Processo de Bolonha

Muito se tem escrito e discutido sobre o Processo de Bolonha. Os seus pontos fortes e as suas fraquezas têm estado a ser relevadas pelos diferentes actores e intervenientes. Tem-se argumentado que os cursos de 1º ciclo, actuais licenciaturas, perderam conteúdo e se enfraqueceram, com objectivos de empregabilidade imediata dos diplomados. A Universidade

ficaria, nessa perspectiva, essencialmente focalizada nos cursos de 2º e 3º ciclo, convertendo-se o 1º ciclo quase num liceu de nível superior, uma espécie de pós-secundário.

Independentemente das críticas positivas ou negativas à aplicação do Processo de Bolonha, o prolongamento global dos cursos do Ensino Superior, nos três ciclos e num contexto mais geral de aprendizagem ao longo da vida, para toda a sociedade, que a União Europeia tem vindo a intensificar, obrigou a uma reflexão e à reestruturação dos programas das unidades curriculares do 1º ciclo.

A liberdade de aprender e ensinar e a libertação da ciência moderna da religião, igreja ou autoridade do estado, pressões sociais e económicas da universidade humboldtiana continuam presentes na natureza da nossa Universidade. Paralelamente, mantêm-se hoje em dia como focos centrais da agenda da Universidade, a aquisição de capacidades ou competências e saberes profissionais do Ensino Superior, numa perspectiva napoleónica de ensino/formação. De igual forma, se mantém a modelação do carácter do indivíduo, como função da universidade, numa herança oxfordiana da concepção de Ensino Superior. A Universidade de hoje está porém muito mais próxima das comunidades e dos cidadãos. Espera-se que ela desempenhe um papel relevante na mudança social, no desenvolvimento e progresso social, humano e económico. Com nomes diferentes – stock educacional, capital humano e outros – designamos hoje por *learning outcomes* do sistema de Ensino Superior os resultados de um sistema que cada vez mais constitui o pilar do desenvolvimento das regiões. Estudos na Europa e fora dela, mostram a relevância do Ensino Superior no desenvolvimento das regiões, muito para além das estatísticas dos diplomados.

Na trajectória da sua evolução de aproximação à comunidade, a Universidade aproximou-se também mais do mercado de trabalho e desenvolveu mecanismos de adaptabilidade às necessidades deste. A empregabilidade dos diplomados é hoje uma preocupação da Universidade, maior do que no passado. Por essa razão, são hoje mais valorizadas as competências, o saber resolver problemas nos *learning outcomes* que o eram no passado.

A Geografia Económica oferece uma oportunidade excepcional para ensaiar os novos métodos de ensino-aprendizagem e compreender o papel das Universidades e outras instituições de Ensino Superior na actualidade, na medida em que se ocupa de conteúdos directamente relacionados com as mudanças globais na economia e no desenvolvimento social. A própria aplicação das novas tecnologias de informação e comunicação – TIC - na leccionação da unidade curricular, desenvolvem competências nos estudantes muito para além da

aprendizagem e compreensão de conteúdos programáticos específicos da Geografia Económica e constituem um laboratório de ensaio da importância das TIC à escala global.

Neste contexto, foi seleccionado, como caso de estudo, para o tema das relações entre o capital humano e o crescimento económico, no presente ano lectivo, o papel do Ensino Superior no desenvolvimento regional.

A adaptação ao Processo de Bolonha tem trazido pois, globalmente, nestes primeiros ensaios, resultados muito positivos e de grande mobilização dos estudantes e do próprio professor. A vontade de mudar e uma grande predisposição para a mudança por parte dos estudantes e dos professores, criam um ambiente facilitador da aprendizagem e desenvolvimento.

A introdução de um regime de grande flexibilidade tem vindo também a assegurar uma grande liberdade para o estudante, que pode desenhar de forma personalizada o seu percurso ao longo do curso. Na Geografia Económica, especificamente, tem havido estudantes particularmente empenhados em desenvolver trabalhos extraordinários, em dinamizar a plataforma de *e-learning* e em animar as discussões nas sessões (aulas de conjunto) o que constitui um importante apoio a outros estudantes mais retardatários ou menos motivados.

2.1.Programa

Para a unidade curricular de Geografia Económica foi criado um Programa Base, disponível na página web do SIGARRA da Universidade do Porto. O Programa Base foi desenhado para o actual Curriculum do Curso de 1º Ciclo de Geografia (Licenciatura) e contempla as temáticas mais relevantes, actualmente, na disciplina da geografia económica.

Embora a geografia económica ocupe um lugar menor nos grandes debates sobre a globalização, a disciplina ocupa-se de tópicos importantes que se prendem com a “espacialidade da globalização e os processos geográficos dos seus actores” (Coe,Yeung:2006 p389).

Tão difícil de definir como outras disciplinas que constituem subdivisões de áreas mais vastas do saber, a geografia económica é, naturalmente o que os geógrafos especialistas em geografia económica fazem! Não se pode obviamente pretender que os estudantes dos primeiros semestres do curso de 1º ciclo se tornem especialistas em geografia económica. A unidade curricular tem assim objectivos amplos, de formação inicial, apresentando uma variedade de temas e analisando casos de estudo representativos dos tópicos mais relevantes na actualidade.

Assim, é importante que os estudantes analisem e compreendam os processos de localização das actividades económicas, com todas as suas implicações, em particular no quadro da globalização e do desenvolvimento da economia do conhecimento. É importante que os estudantes compreendam os três níveis da geografia económica, do desenvolvimento teórico, com o estudo de modelos teóricos e teorias, do estudo empírico ou experimental, incluindo o ensaio de técnicas de trabalho prático e da aplicação de políticas de desenvolvimento regional e outras, incluindo uma primeira aproximação à política regional europeia. Como pontos fortes da geografia económica a disciplina tem um foco nas actividades intensivas em saber, na inovação e desenvolvimento, no capital humano e no retorno económico das actividades culturais e desportivas.

A partir do Programa Base inicial foi construído um plano específico de aplicação para o presente ano lectivo. Trata-se de uma metodologia inovadora que será desenvolvida no ponto 2.3. dedicado aos conteúdos e métodos de ensino-aprendizagem. Basicamente definiu-se um tema por semana, apoiado num caso de estudo. Os trabalhos de cada semana incluem a leitura individual e análise do caso de estudo, a sua apresentação e uma discussão colectiva com o apoio do professor, essencialmente ao nível teórico e discussão do desenho metodológico. No final das sessões correspondentes às horas de contacto, tem-se vindo a proceder à elaboração de uma síntese, de preparação para avaliação.

O Programa 2007/2008 assim definido, cobrindo embora todos os tópicos do Programa Base, encontra-se estruturado por temas semanais, apoiados em casos de estudo.

De seguida, apresenta-se o Programa Base e o Programa específico do presente semestre. O segundo constitui uma operacionalização do primeiro e dos respectivos objectivos.

2.1.1. Programa Base (Reprodução da Ficha da Unidade Curricular disponível no SIGARRA)

GEOGRAFIA ECONÓMICA

Disciplina Curricular

2007/2008

2º Semestre

Programa:

I Parte – Teorias da Localização

1. Introdução: Teoria, evidência empírica e políticas em geografia económica
2. As diferentes propostas teóricas da geografia económica
 - 2.1. Ciência regional, behaviorismo, economia política e *cultural turn*
 - 2.2. Geografia económica evolucionista
 - 2.3. Dimensão institucional da geografia económica
3. Teorias da Localização
 - 3.1. Breve resenha histórica: Weber
 - 3.2. A mobilidade dos factores de produção (trabalho, capital e IDE)
 - 3.3. Teorias cíclicas, regulação, posfordismo e acumulação flexível
 - 3.4. Os processos locativos dos diferentes sectores: das minas aos serviços
 - 3.5. Proximidade e concentração espacial das actividades
 - 3.6. Novos Distritos Industriais e clusters
 - 3.7. Os custos de transacção
 - 3.8. Factores *soft* da localização e *untraded interdependencies* segundo Storper
 - 3.9. A deslocalização industrial na Europa
4. Caso de Estudo: o investimento directo estrangeiro nos países do ex-bloco de Leste

II Parte – Globalização e divisão internacional do trabalho

5. A divisão espacial (internacional) do trabalho
 - 5.1. As Grandes regiões da economia mundial
 - 5.2. Abordagens de Doreen Massey e Derek Gregory
 - 5.3. As “*regiões ganhadoras*”
 - 5.4. As forças opostas: mão-de-obra barata versus economia do conhecimento
6. A espacialidade da globalização e os processos geográficos dos seus actores
7. Redes Globais de Valor
 - 7.1. Modelos e tipologias das redes
 - 7.2. Redes do tipo *Buyer-Driven* e *Product-driven*
8. Cidades Globais: âncoras locais de processos globais
 - 8.1. Conceito de cidade global
 - 8.2. Hierarquias e/ou redes
 - 8.3. Propostas empíricas (Sassen, Taylor e Veltz)
9. Caso de Estudo: As fusões e aquisições na banca e finanças na organização da rede de cidades globais

III Parte – A Economia do Conhecimento

10. Conceitos: classificação das actividades económicas
11. Inovação (Schumpeter I e II)
12. Economia pós-industrial, economia da informação e economia do conhecimento
13. Geografia das TIC e novas centralidades
14. “O dividendo artístico” das cidades (actividades culturais, desporto e recreio como actividades económicas)
15. Caso de Estudo: a concentração de Galerias de Arte na Rua Miguel Bombarda no Porto

IVParte – Encerramento

Brainstorming sobre um tema a seleccionar com os estudantes.

Bibliografia:

- Aglietta, Michel (1987) *A Theory of Capitalist Regulation: The U.S. experience*. London: Verso.
Tradução de Régulation et Crises du Capitalisme - l'expérience des Etats-Unis. Paris : Calmann-Lévy, 1976. (1ªed. - 1974).
- Alvstam, Claes; Schamp, Eike (Ed.) (2005) *Linking Industries across the World*. Aldershot: Ashgate. (FLUP 339 A 485 I)
- Amin, Ash (Ed.) (1994) *Post-fordism. A reader*. Oxford: Blackwell Publ..
- Amin, Ash; Thrift, Nigel (2000) What kind of economic theory for what kind of economic geography? *Antipode* vol.32/1. pp.4-9.
- Baker, Therese L. (1996) *Doing Social Research*. Second Edition. N.Y. Mac Graw-Hill. Inc.
- Bathelt, Harald; Gluecker, Johannes (2003) *Wirtschaftsgeographie*. 2. Auflage. Stuttgart: Verlag Eugen Ulmer.
- Beaud, Michel; Dostaler, Gilles (2000) *O Pensamento Económico de Keynes aos Nossos Dias. Súmula Histórica e Dicionário dos Principais Autores*. Porto: Edições Afrontamento. Coleção das Ciências do Homem.
- Benko Georges; Lipietz, Alain (organizadores) (1994): *As Regiões Ganhadoras. Distritos e Redes. Os novos Paradigmas da Geografia Económica*. Oeiras: Celta Editora. (1ª ed. Francesa de 1992).
- Boschma, Ron A.; Frenken, Koen (2006) Why is economic geography not an evolutionary science? Towards an evolutionary economic geography. *Journal of Economic Geography*.6: 273-302
- Castells, Manuel (2004) *A Galáxia internet: reflexões sobre internet, negócios e sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Clark, G.L.; Feldman, M.A.; Gertler, M.S. (Ed) (2000) *The Oxford Handbook of Economic Geography*. Oxford: Oxford University Press.
- Evans, Yara; Smith, Adrian (2006) Surviving at the Margins? Deindustrialisation, the creative industries, and upgrading in London's garment sector. *Environment and Planning A*, vol38:2235-2269.
- Figueiredo, António Manuel; Pessoa, Argentino; Silva, Mário Rui (2005) *Crescimento Económico*. Lisboa: Escolar Editora.
- Florida, Richard (2005) *The World is Spiky. Globalization has changed the economic playing field, but hasn't leveled it*. The Atlantic Monthly <http://www.creativeclass.org/acrobat/TheWorldIsSpiky.pdf#search=%22the%20world%20is%20spiky%20florida%22>
- Gereffi, Gary; Humphrey, John; Sturgeon, Timothy (2003) *The Governance of Global Value Chains*. www.globalvaluechains.org. www.ids.co.uk
- Gregory, Derek; Walford, Rex (Ed.)(1989) *Horizons in Human Geography*. London: Macmillan.
- Harvey, David (1984) *The Limits to Capital*. Oxford: Basil Blackwell. (1ª ed. 1982).
- Johansson, Börje; Karlsson, C.; Stough, R. (2001) *Theories of endogenous regional growth. Lessons for regional policies*. Berlin: Springer.
- Kaplinsky, Raphael; Morris, Mike (2002) *A Handbook for Value Chain Research*. www.ids.ac.uk/globalvaluechains
- Lo, Vivien; Schamp, Eike (2003) *Knowledge, Learning and Regional Development*. Münster: Lit Verlag.

- López-Rodríguez, Jesus; Faiña, J. Andrés, López-Rodríguez, José (2007) Human Capital Accumulation and Geography: Empirical Evidence from the European Union. *Regional Studies*. 41 (2): 217-234.
- Mandel, Ernst (1987) *Late Capitalism*. (1ª ed. 1972). London: Verso.
- Markusen, Ann (1997) Sticky Places in Slippery Space: A Typology of Industrial Districts. *Economic Geography*. Vol
- Markusen, Ann (1999) Fuzzy concepts, scanty evidence, policy distance: the case for rigor and policy relevance in critical regional studies. *Regional Studies*. Vol.33(9):869-884.
- Markusen, Ann; Johnson, Amanda (2006) *Artists Centers: Evolution and Impact on Careers, Neighborhoods and Economies*.
- Markusen, Ann; Lee, Yong-Sook; Digiovanna, Sean (Ed.) (1999) *Second Tier Cities. Rapid Growth beyond the Metropolis*. Minneapolis, London: University of Minnesota Press.
- Markusen, Ann; Schrock, Greg (2006a) The Distinctive City: Divergent Patterns in Growth, Hierarchy and Specialisation. *Urban Studies*.vol.43(8):1301-1323.
- Martin, Ron; Sunley, Peter (2006) Path dependence and regional economic evolution. *Journal of Economic Geography*. 6: 395-437.
- Marx, Karl (1990) *O Capital. Crítica de Economia Política*. Livro Primeiro. Tomos I e II. Lisboa: Editorial "Avante".
- Massey, Doreen (1990) *Spatial Divisions of Labour. Social Structures and the Geography of Production*. (1ª ed. 1984). London: Macmillan Education Ltd, 1990.
- Peet, R.; Thrift, N. (ed.) (1989) *New Models in Geography: The political-economy perspective*. 2 vol. London: Unwin Hyman L.td.
- Pickles, John; Smith, Adrian; Bucek; Roukova, Poli; Begg, Robert (2006) Upgrading, charing competitive pressures, and diverse pratices in the East and Central European apparel industry. *Environment and Planning A*, vol38:2305-2324.
- Pinto, A. Mendonça (2007) *Economia Portuguesa: Melhor é possível*. Coimbra: Edições Almedina.
- Piore, Michael; Sabel, Charles (1989) *The Second Industrial Divide. Possibilities for Prosperity*. New York: Basic Books, Inc.
- PNUD (2000): *Relatório de Desenvolvimento Humano 2000*. Lisboa: Trinova Editora. www.undp.org/undp/hdro
- Rodriguez-Pose, Andrés (2000) Killing economic geography with a 'cultural turn' overdose. *Antipode* vol.33/2. pp.176-182.
- Rodriguez-Pose, Andrés; Fratesi, Ugo (2004) Between developement and social policies: the impact of european structural funds in Objective 1 regions. *Regional Studies*. Vol.38.1:97-113.
- Sassen, Saskia (2001) Impacts of information technologies on urban economies and politics. *International Journal of Urban and Regional Research*. Vol 25. Nº 2 pp.411-418.
- Schamp, Eike W.; Rentmeister, Bernd; Lo, Vivien (2004) Dimensions of Proximity in Knowledge based Networks: The Cases of Investment Banking and Automobile Design. *European Planning Studies* Vol 12. Nr.5 July 2004. pp607-625.
- Schmitz, Hubert (Ed.) (2004) *Local enterprises in the Global Economy. Issues of Governance and Upgrading*. Cheltenham: Edward Elgar.
- Scott, Allen J (1988) *Metropolis: from the division of labor to urban form*. Berkeley: University of California Press.
- Scott, Allen J. (1998) *Regions and the World Economy. The coming shape of global production, competition and global order*. Oxford: Oxford University Press.
- Simmie, James (Ed) *Innovative Cities*. London, NY: Spon Press.
- Storper, Michael (1997) *The Regional World. Territorial Development in a Global Economy*. NY, London: The Guilford Press.

Taylor (2000) World cities and territorial states under conditions of contemporary globalisation. *Political Geography*. Vol. 19. pp. 5-32.

Bibliografia Complementar (Sites da Internet):

EUROSTAT:<http://epp.eurostat.ec.europa.eu/>

Revistas mais relevantes para a GE, existentes na Biblioteca da FLUP (em papel ou electrónicas): *Antipode, Economic Geography, Environment and Planning, European Planning Studies, Herodote, International Journal of Urban and regional Research, Journal of Economic Geography, Progress in Planning, Progress in(Human) Geography, Regional Studies, Regions, Transactions of the Institute of British Geographers*.

Para pesquisa de **artigos científicos**, para além do sempre preferido pelos estudantes, **Google Scholar**: <http://ideas.repec.org/>, www.findarticles.com/p/articles, <http://alea-estp.ine.pt/html/europalea/html/europalea.asp>, <http://www.ids.ac.uk/ids/>

2.1.1.1. Objectivos

A Geografia Económica corresponde a uma Unidade Curricular da área científica Geografia destinada a estudantes do Curso de Geografia e outros, com formação base em geografia humana e métodos de análise de dados e sistemas de informação geográfica. A unidade curricular (*disciplina*) de Geografia Económica tem um conteúdo predominantemente teórico. Serão analisados modelos e teorias diversas, ligadas à localização das actividades económicas, à organização de cadeias globais de valor, à inovação e ao desenvolvimento de actividades intensivas em conhecimento, no quadro da globalização e da economia do conhecimento e à formação de aglomerações ou concentrações das actividades económicas. Em cada um dos pontos fortes do programa teórico, serão estudados casos de estudo, na Europa, nos Estados Unidos da América e noutras áreas, nomeadamente em novos espaços industriais e áreas de deslocalização de indústrias a partir da Europa. É objectivo da cadeira, contribuir para “revitalizar a geografia económica como um tema imaginativo, relevante e socialmente útil”(Amin e Thrift:2000)

No final do semestre os estudantes terão competências para:

- ✓ discutir as teorias dominantes na geografia económica da actualidade, com particular incidência nas abordagens sobre a concentração espacial das actividades económicas, os diferentes padrões locativos das mesmas, a deslocalização espacial e a integração global das cadeias produtivas, no quadro da globalização;

- ✓ utilizar as teorias sobre inovação e crescimento económico assim como o de sociedade e economia do conhecimento e actividades intensivas em conhecimento;
- ✓ utilizar o conceito de capital humano e a sua aplicabilidade em geografia económica, associado a produtividade, emprego, desemprego e desenvolvimento regional;
- ✓ resolver questões sobre estruturas produtivas de diferentes regiões assim como diagnosticar pontos fracos e fortes na base económica de regiões ricas e de regiões periféricas;
- ✓ avaliar as implicações políticas dos assuntos discutidos nas sessões e os limites das políticas económicas desligadas de um quadro espacial.

A Unidade Curricular – disciplina – de Geografia Económica corresponde a 6 ECTS e prevê 162 horas de trabalho, das quais, 60 serão de contacto. Das horas de contacto, 52h assumirão a forma de sessões de ensino e 8h de trabalho de campo.

2.1.1.2. Métodos de Ensino

Será seguido um método de ensino orientado para a resolução de problemas e desenvolvimento de projectos, numa abordagem da aprendizagem centrada no estudante, com vista ao reforço das suas competências, incluindo trabalho em pequenos grupos, simulação de papéis do mundo real e debates a partir de exemplos concretos e situações da actualidade. Reforçar-se-à a formação dos estudantes ao nível das metodologias e capacidade de análise através da aplicação de métodos quantitativos e qualitativos de investigação empírica.

Serão adoptados métodos de ensino que captem o interesse e a imaginação dos estudantes quer através do recurso aos conhecimentos individuais do dia a dia dos estudantes (cada vez os jovens estudantes trabalham já durante o curso), quer a artigos de opinião de comentadores conhecidos ou ao recurso a outros temas que permitam fazer a ponte para temas como a produção, o mercado de trabalho, a inovação ou o conhecimento.

As horas de contacto corresponderão a sessões de ensino e trabalho de campo. Nas sessões de ensino haverá um conjunto de aulas teóricas de enquadramento, no início do semestre, de carácter expositivo, seguidas de sessões para discussão a partir dos casos de estudo a distribuir pelos estudantes. Na segunda parte do semestre, haverá sessões com um carácter teórico-prático, centrando-se o trabalho de análise e discussão em torno dos trabalhos individuais dos

estudantes. Haverá uma excursão organizada em torno dos temas dos projectos individuais dos estudantes, com uma sessão de trabalho ao fim do dia, do tipo workshop. Os estudantes deverão organizar o seu trabalho nas horas sem contacto, em torno do estudo da matéria teórica e do desenvolvimento de um projecto individual ao qual será dado apoio sob a forma de sessões tutoriais em grupos de 10 a 15 estudantes, a programar de acordo com as necessidades.

Software:

Word, Excel, SPSS e ArcGis.

2.1.1.3. Modo de Avaliação:

Globalmente a avaliação em Geografia Económica será distribuída com exame final (Deliberação nº1536/2005 da Secção Permanente do Senado da UP. DR – II Série.nº225 de 23 de Novembro). Os estudantes deverão participar activamente nas aulas, devendo ler os textos recomendados, para posteriores discussões, participar em trabalhos de grupo e individuais, segundo a programação a definir na primeira aula e fazer a apresentação oral do seu trabalho individual, nas últimas aulas. A avaliação recai sobre a presença e participação nas aulas, um exame escrito e um trabalho prático individual de cerca de 15 páginas.

Componentes da Avaliação:

1. Presença e participação nas sessões de ensino e excursão
2. Apresentações dos casos de estudo e do projecto individual
3. Exame escrito
4. Projecto (trabalho) individual de cerca de 10 a 15 páginas

Cálculo da Classificação Final:

Presença e participação nas sessões de ensino e excursão (20% - 4 valores) Apresentações dos casos de estudo e do projecto individual (20% - 4 valores)

Exame escrito (30% - 6 valores)

Projecto (trabalho) individual de cerca de 10 a 15 páginas (30% - 6 valores)

Provas e Trabalhos Especiais:

Excursão a decorrer no exterior, com sessões de trabalho, a contabilizar nas horas de contacto. A excursão poderá ter lugar durante um fim de semana (saída Sexta-feira de tarde, regresso Sábado) para não colidir com as sessões das outras unidades curriculares e para facilitar a sua participação aos estudantes trabalhadores.

Avaliação Especial:

Para estudantes Erasmus ou do exterior da FLUP podem vir a ser definidas condições de excepção por acordo com os respectivos responsáveis pela mobilidade interna ou externa (datas especiais, adaptação dos temas de estudo, língua a usarnas apresentações(inglês) e no relatório, etc.)

Melhoria da Classificação Final/Distribuída:

De acordo com a regulamentação em vigor (Deliberação nº1536/2005 da Secção Permanente do Senado da UP. DR – II Série.nº225 de 23 de Novembro.pag.16405):

“Art.11º Definição. 1.Os alunos podem requerer uma prova de melhoria de classificação uma única vez por disciplina, numa das duas épocas, normal ou de recurso, imediatamente subsequentes àquela em que obtiveram aprovação e em que a disciplina tenha prova de avaliação prevista. 2.O processo de melhoria de classificação, quando exista, deve constar obrigatoriamente da ficha da disciplina. 3. A classificação final da disciplina é a mais elevada entre aquela que havia sido obtida inicialmente e a que resultar da melhoria de classificação efectuada.”

Língua de ensino:

Português (Inglês se o número de estudantes estrangeiros o justificar)

Os trabalhos poderão ser redigidos em português, para os estudantes portugueses ou em inglês, espanhol, francês ou alemão, para os estudantes estrangeiros.

2.1.2. Programa 2007/2008

O programa que a seguir se apresenta corresponde à aplicação do Programa Base de Geografia Económica o qual, por seu turno, representa um referencial geral a adaptar anualmente.

Em função dos condicionalismos da adequação do Curso de Geografia ao processo de Bolonha e respectivas disposições transitórias, do número e características dos estudantes inscritos na unidade curricular, assim como da carga horária prevista, estabeleceu-se uma sequência coerente e progressiva de temas, com casos de estudo empíricos adequados, que permitam aos estudantes o estudo dos diferentes tópicos do programa.

Organizaram-se sessões extraordinárias, no Semestre actual, duas, de 4 horas, para leccionar matérias teóricas, de base, necessárias para a compreensão de alguns temas e sobre as quais, alguns estudantes tinham lacunas na sua formação anterior. Trata-se de sessões livres, sem obrigatoriedade de presença para os estudantes. Foram analisados, nas sessões realizadas no presente ano, por exemplo, os conceitos de produção industrial, factores de produção, capital, trabalho, lei tendencial para a queda da taxa de lucro, factores de localização, modelos clássicos de localização, custos de transacção, geografia económica evolucionista e teorias cíclicas, entre outros.

A apresentação do Programa 2007/2008, que se segue, está organizada sob a forma de fichas temáticas, correspondentes a blocos de sessões semanais, para os dois turnos de alunos, definidos previamente.

Sessão 1 (21 e 22 de Fevereiro de 2008): Apresentação

- Apresentação do Programa
 - Enquadramento geral da disciplina. Objectivos
 - Plano de trabalho das sessões. Funcionamento das sessões. Avaliação.
 - Pequeno debate em torno de dois textos
-

A primeira sessão visa apenas familiarizar os estudantes com o Programa e com os tópicos e as tendências mais relevantes em geografia económica na actualidade.

Através do debate informal é possível fazer um rápido diagnóstico do ponto de partida, ao nível dos conhecimentos anteriores, da sensibilidade e motivação dos estudantes para os tópicos da disciplina e do Programa definido.

São feitas algumas recomendações ao nível das tarefas a desempenhar e dos resultados que se esperam quer dos estudantes, quer da professora assim como discutidas formas que assegurem uma boa comunicação entre todos.

A preparação do trabalho individual – pequeno projecto – é discutida logo na primeira sessão para os estudantes prepararem convenientemente a sua execução.

Bibliografia específica da Sessão:

Florida, Richard (2005) The world is spiky. Globalization has changed the economic playing field, but hasn't leveled it. The world in numbers. *The Atlantic Monthly*. October 2005.
<http://creativeclass.com/rfcgdb/articles/other-2005-The%20World%20is%20Spiky.pdf>
(acedido am 31 de Janeiro de 2008)

Gregory, Derek (s/d) What is Geography? <http://web.mac.com/derekgregory/iWeb/Site/On%20Geography.html>. (acedido a 23 de Fevereiro de 2008)

Sessão 2 (28 e 29 de Fevereiro de 2008)

Tema 1: A deslocalização das indústrias

Como se desenrolam os processos de desenvolvimento regional das regiões periféricas da Europa, procuradas pelo IDE por causa da mão-de-obra barata, dos incentivos fiscais e ajudas do Estado ou das facilidades em infraestruturas?

Que estratégias podem desenvolver as regiões e as suas instituições de apoio ao crescimento e *upgrading* das actividades económicas associadas ao IDE, que não se limitem a assegurar a sobrevivência de indústrias em movimento (deslocalização)?

Que chances existem para as indústrias nas regiões periféricas da Europa do Sul depois do alargamento a Leste ou dos futuros alargamentos e da pressão crescente na redução de quotas de comércio a nível mundial?

O caso de estudo seleccionado refere-se à indústria do vestuário e especificamente à grande empresa multinacional de produção e distribuição, com sede em Espanha, Inditex, detentora da marca – *Brand* - ZARA. O estudo seleccionado para análise descreve a globalização da indústria do vestuário e as formas de sobrevivência, crescimento e comando dos grandes retalhistas, “compradores globais” e de como eles se abastecem globalmente.

Nos anos 80, pensava-se que a deslocalização industrial a partir do centro em direcção à periferia, levaria à perda de importância relativa do centro. Tal, não só não aconteceu, como a deslocalização passou a processar-se por trajectórias novas e imprevistas. O centro ganhou com a deslocalização mas, as regiões periféricas também evoluíram e desenvolveram competências. Hoje em dia assistimos à deslocalização periferia-periferia e a uma reestruturação das relações entre as diferentes regiões, centrais ou não.

Fundamentalmente, no Tema 1 é analisada a geografia da indústria do vestuário em mudança.

Bibliografia específica da Sessão:

Tokatli, Nebahat (2007) Global sourcing: insights from the global clothing industry – the case of Zara, a fast fashion retailer. *Journal of Economic Geography* Advanced Access published October 23, 2007.

Sessão 3 (6 e 7 de Março de 2008)

Tema 2: A localização de novas filiais e agências de bancos estrangeiros na Europa e o caso de estudo de Frankfurt am Main na Alemanha

O caso de estudo analisa a localização de bancos estrangeiros na Alemanha, entre 1949 e 2006. Como sugere a Nova Geografia Económica (NGE), vamos encontrar uma evolução em forma de U invertido. Este modelo da NGE diz-nos que a concentração da actividade económica na actualidade, devido aos custos de transporte, cresce e depois diminui (U invertido). O processo inicial de concentração pode ser desencadeado por um qualquer acidente histórico. No caso da praça financeira de Frankfurt, o acidente histórico foi a localização do que viria a ser o Banco Central Alemão – Bundesbank – em 1949, nesta cidade, na proximidade da sede das forças militares americanas na Europa, entre outras razões, com o objectivo de “controlar” a entrada da ajuda americana, no âmbito do Plano Marshall.

Hoje em dia, Frankfurt tem vindo a perder parte da sua importância, essencialmente a favor de Londres, devido a vários factores que se prendem com a organização das redes de cidades globais e das facilidades das tecnologias de informação e comunicação.

A progressiva perda de importância da concentração da banca estrangeira em Frankfurt foi acompanhada por uma dispersão territorial mas, ao contrário do que sucedeu no passado, com a concentração em Frankfurt, regista-se, actualmente uma tendência para a especialização regional e de carácter transfronteiriço, no que diz respeito à localização de bancos estrangeiros na Alemanha. Estas tendências põe em evidência o factor proximidade na localização das actividades económicas.

A proximidade física é importante e relevante, assume diversas formas e tem impactos diversificados na localização das actividades.

Bibliografia específica da Sessão:

Grote, Michael H. (2007) Foreign banks' attraction to the financial centre Frankfurt – an inverted “U”-shaped relationship. *Journal of Economic Geography* Advanced Access published November 12, 2007

Tema 3: O retorno económico das grandes infraestruturas e dos grandes eventos desportivos

Porque lutam as cidades por sedes de clubes importantes, eventos desportivos grandes, apoiam a construção de mega-estádios de futebol e a realização de mega-eventos? Porque esses investimentos atraem pessoas à cidade, consumidores, dinheiro, turismo? Os retornos dessas iniciativas limitam-se ao aumento das receitas ou dinamizam a base económica das regiões de forma mais alargada e contribuem para o desenvolvimento socioeconómico das mesmas?

Paradoxalmente, o desporto não tem despertado grande interesse por parte da geografia, não existindo uma *Geografia do Desporto* muito desenvolvida. Essa situação é estranha na medida em que a realização de grandes competições desportivas internacionais tem desencadeado uma concorrência feroz e ocupado um lugar de destaque na agenda política da generalidade dos países, das regiões e das cidades e o desporto tem registado um crescimento constante e uma diversificação e generalização a todos os segmentos da população e territórios, sem restrições. Com efeito, o desporto moderno converteu-se, nos últimos 100 anos, numa grande “indústria” globalizada, com estruturas complexas a todas as escalas, desde as competições internacionais e campeonatos mundiais, aos torneios nacionais e locais e às iniciativas dos pequenos clubes de bairro, mobilizando multidões de fãs.

O caso de estudo destas sessões consiste basicamente na análise de uma proposta metodológica para a avaliação dos potenciais retornos económicos e sociais dos investimentos em estádios e grandes competições desportivas.

Bibliografia específica da Sessão:

Jones, Calvin (2005) The Potential Economic Return to Stadia and Major Sporting Events or A month on the lips, a lifetime on the hips. Goonerville. Regional Studies Association “*The Regeneration Game*”. www.regional-studies.ac.uk/events/141205pres.asp

Tema 4: As actividades criativas e crescimento económico na Geografia da Boémia de Richard Florida

O geógrafo Richard Florida, autor da obra carismática *The Rise of the Creative Class*, tem-se debruçado sobre a importância das actividades culturais, artísticas e criativas em geral para o crescimento económico e desenvolvimento regional. No caso de estudo destas sessões é analisado um estudo de Richard Florida com o título provocatório *Bohemia and economic geography*.

O argumento do autor é o de que existe uma correlação entre as concentrações de “boémios”, de capital humano e de indústrias de alta tecnologia. Depois de desenvolver o conceito de boémio na actualidade e construir um índice de boémia, Florida testa o seu argumento para as áreas metropolitanas americanas e concluiu que há de facto uma correlação positiva e significativa entre esse índice e as concentrações de populações com elevado capital humano e entre o mesmo índice e a concentração de indústrias *high-tech*. Florida inclui no seu índice de boémia, artistas, autores, designers, músicos, compositores, actores, bailarinos, pintores e outros, assim como o peso relativo de imigrantes e outros segmentos da sociedade, mais periféricos. A concentração de boémios anda associada a um atmosfera urbana de grande abertura e tolerância, propícia ao desenvolvimento das ideias inovadoras e muito atractiva para jovens talentosos. Por essa razão, as cidades com maior concentração de boémios serão também as mais criativas e onde se geram mais inovações e inventos. Associado a um elevado nível de capital humano, essa atmosfera atrai indústrias de alta tecnologia e produz crescimento económico e dinamismo social.

Bibliografia específica da Sessão:

Florida, Richard (2002) *Bohemia and economic geography*. *Journal of Economic Geography*. Vol 12: 55-71.

Tema 5: A concentração das indústrias e a especialização regional na Europa

Há uma especialização regional económica nas regiões da União Europeia muito acentuada. Ela corresponde a uma paralela concentração da actividade económica em geral. Daqui decorre um mosaico muito contrastado entre as regiões europeias, com grandes disparidades regionais na distribuição e importância da actividade económica e da riqueza. À medida que foram ocorrendo os sucessivos alargamentos da União Europeia, registou-se um aumento dessas desigualdades regionais e não tem havido uma convergência clara. Assim, tem-se assistido à prevalência das assimetrias e ao aumento das concentrações e especializações sectoriais.

O desempenho socio-económico das regiões e a especialização da sua base económica prende-se directamente com os fluxos de investimento e outros factores exógenos à região e com o potencial endógeno de crescimento dessas mesmas regiões.

Nesse contexto, serão analisados, em paralelo aos padrões de especialização económica das regiões, os padrões e tendências dominantes, relativamente ao investimento directo estrangeiro na União Europeia e à inovação como factor de sucesso nas regiões europeias.

O tema 5 é essencialmente empírico e de análise de estudos divulgados pelo Eurostat. O enquadramento teórico da concentração da actividade económica é porém desenvolvido ao longo das sessões a partir da evidência empírica. As fusões e aquisições intensificaram-se sobretudo a partir dos anos 90 do século passado e a economia global é hoje comandada por um número cada vez mais reduzido de grandes corporações globalizadas.

A dispersão territorial e a segmentação das cadeias produtivas do pós-fordismo vieram progressivamente a dar lugar a uma crescente polarização do poder económico. No caso europeu, exemplos como os dos distritos industriais da Terceira Itália serão abordados.

Bibliografia específica da Sessão:

- Johansson, Ulf (2008) Regional Specialisation in the EU's business economy. Industry, trade and services. *Statistics in Focus*. 34/2008. http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_OFFPUB/KS-SF-08-034/EN/KS-SF-08-034-EN.PDF (Acedido em 31 de Março de 2008).
- Schrör, Hartmut (2008) Innovation as a Factor in Business Success. *Statistics in Focus*. 15/2008. http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page?_pageid=1073,46587259&_dad=portal&_schema=PORTAL&p_product_code=KS-SF-08-015. (Acedido em 31 de Março de 2008).
- Grell, Michaela (2008) Foreign-controlled enterprises in the EU. *Statistics in Focus*. 30/2008. http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page?_pageid=1073,46587259&_dad=portal&_schema=PORTAL&p_product_code=KS-SF-08-030 (Acedido em 31 de Março de 2008).

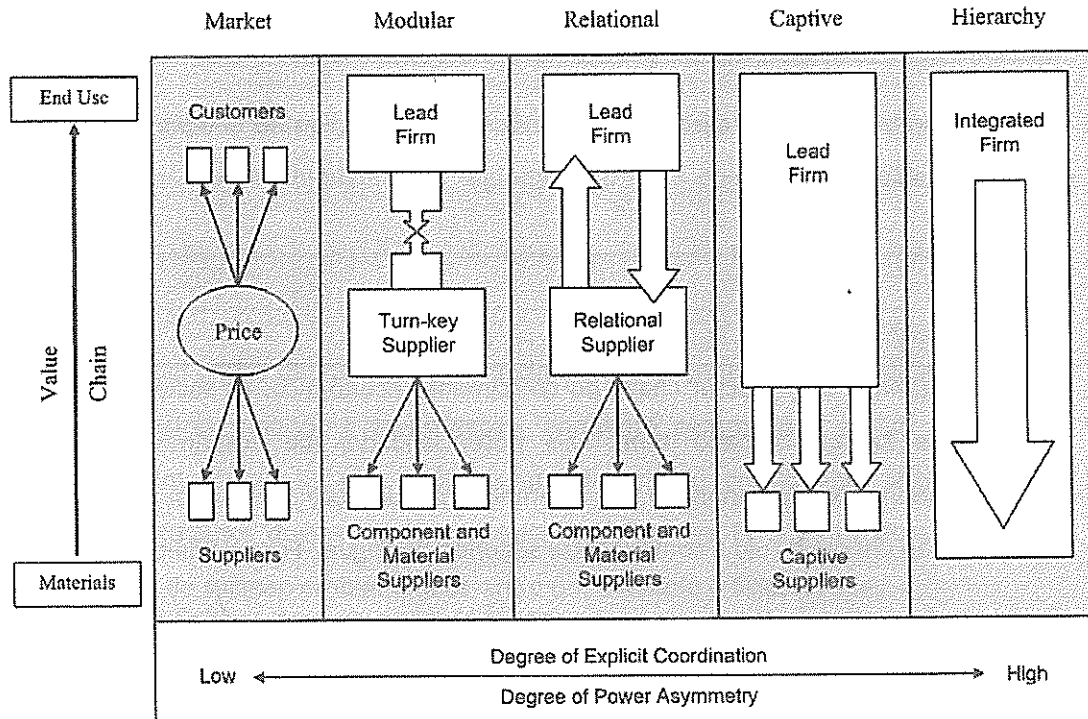
Tema 6: As Cadeias Globais de Valor

A abordagem das Cadeias Globais de Valor, desenvolvida essencialmente por um grupo de investigadores ingleses do Institut of Development Studies (www.ids.ac.uk), entre os quais se destaca Gary Gereffi como pioneiro a introduzir o próprio conceito, veio facilitar a compreensão da integração económica global – globalização – com especial incidência na indústria e com particular importância para regiões periféricas e/ou países em desenvolvimento. Distinguindo-se da internacionalização, a qual consiste na distribuição geográfica de actividades económicas entre fronteiras políticas e existe desde praticamente o século XVII, a globalização pressupõe uma integração funcional de actividades dispersas internacionalmente. As estatísticas macroeconómicas dão-nos porém, hoje em dia, apenas a dimensão do volume e localização da actividade económica mas, nada nos dizem sobre o tipo de ligações entre empresas e o funcionamento das redes transnacionais.

Ora o conceito de Cadeia Global de Valor integra uma componente de produção propriamente dita, de criação de valor acrescentado, a uma dimensão territorial à escala do globo. Originariamente, Gereffi, baseou-se nas teorias económicas dos custos de transacções e partiu do conceito de Cadeia de Valor de Porter, explorando-o e ligando-o às redes ou sistemas produtivos. Basicamente, uma Cadeia Global de Valor consiste na sequência de actividades produtivas (i.e. geradoras de valor acrescentado) que conduzem e apoiam um uso final de um conjunto de produtos ou serviços relacionados uns com os outros, incluindo as empresas que comandam a própria cadeia.

As Cadeias Globais de Valor integram actividades de concepção, desenho, produção e marketing de um produto e distinguem-se das redes ou sistemas produtivos, não só pela sua dimensão e tipo de actividades, como pela escala espacial que incorporam. Assim, ainda que muitas redes de produção tenham um carácter internacional e ligações transfronteiriças e/ou regionais, no sentido supranacional do termo, as CGV pressupõem uma actuação em, pelo menos, dois continentes.

Figure 1: Five Global Value Chain Governance Types



Bibliografia específica da Sessão:

Global Value Chains: Concepts and Tools. www.globalvaluechains.org/concepts.html

Sturgeon, Timothy J. (2001) *How do we Define Value Chains and Production Networks?* IDS Bulletin 32. nº3.

Schmitz, Hubert (Ed.) (2004) *Local Enterprises in the Global Economy. Issues of Governance and Upgrading.* Cheltenham: Edward Elgar Publis. Inc.

Tema 7: Capital humano, crescimento económico e migrações no quadro dos desequilíbrios regionais na Europa

O capital humano é um factor chave do crescimento económico. As sociedades com melhor dotação de capital humano têm mais potencialidades de crescimento económico e desenvolvimento socioeconómico. As diferenças na dotação de capital humano na União Europeia, são um obstáculo à convergência segundo Rodriguez-Pose e Vilalta-Bufi (2005).

Como medir porém de forma precisa, o capital humano de uma região? Na maior parte dos estudos existentes, têm sido considerados como proxies do capital humano, indicadores relativos ao chamado stock educacional, isto é o número de estudantes matriculados no sistema de ensino ou os graus de ensino atingidos pelos diferentes estratos da população.

O caso de estudo destas sessões incide no desenho de metodologias alternativas que contemplem outros factores relevantes. Os autores sustentam que, um bom stock educacional pode não servir de nada a uma região se não for usado e a falta de qualificações pode provocar migrações. Por essa razão, os autores desenvolveram uma metodologia para avaliar o ajustamento da oferta educativa à procura do mercado de trabalho, com o objectivo de melhor avaliar o impacto do capital humano no crescimento económico. Para além disso, consideraram ainda a importância das migrações nas relações entre o capital humano e a base económica das regiões.

A metodologia desenvolvida foi aplicada, com sucesso, às regiões europeias NUT II, para a Europa dos 15, excluindo alguns pequenos países.

Bibliografia específica da Sessão:

- Rodriguez-Pose, Andrés; Vilalta-Bufi, Monserrat (2005): Education, migration, and job satisfaction: the regional returns of human capital in the EU. *Journal of Economic Geography*. 5, p.545-566.
- Moretti, Enrico (2005) Social Returns to Human Capital. Online edition: National Bureau of Economic Research www.nber.org/
- Marques, H; Metcalf (2006) Ending Restrictions to Migration from the new EU Member Countries: Sectoral Trade and Real Wage Effects. *Contemporary Economic Policy*. Vol.24,2:287-299.

Tema 8: Capital humano e stock educacional no caso de estudo do impacto das instituições de ensino superior e o desenvolvimento regional (a UP e a construção de uma Região do Conhecimento)

Reconhecido o papel crítico da inovação no crescimento económico, as universidades e outras instituições de ensino superior e investigação, enquanto centros que geram e difundem conhecimento, converteram-se elas próprias em drivers do crescimento económico. Os exemplos mais estudados destas mudanças, encontram-se nos Estados Unidos e estiveram associados a casos de sucesso emblemáticos como por exemplo o Silicon Valley.

O duplo papel do sistema de ensino superior, como escola, formação e qualificação das pessoas e como produtor de conhecimento, pela criação e difusão de inovação e tecnologia, aparentemente compatível e até complementar, pode traduzir-se em comportamentos espaciais distintos e induzir a estratégias antagónicas de desenvolvimento regional.

Em síntese, as universidades e outras instituições de ensino superior, oferecem às regiões onde se localizam, criação de conhecimento, difusão do conhecimento, criação de capital humano, transferência de tecnologia, inovação tecnológica, investimento em capital, estímulo ao empreendedorismo, provisão de liderança regional, infraestruturas de conhecimento, contributos para um meio regional mais atractivo, dinamizam parcerias, aumentam o capital social das regiões. Como proxies para avaliar os resultados ao nível da criação de capital humano, usam-se alguns indicadores: patentes, spillovers de conhecimento, empregabilidade dos estudantes, variações do rendimento médio anual dos trabalhadores ou migrações induzidas.

Bibliografia específica da Sessão:

- Brioschi, Maria Sole; Cassia, Lucio (2006) Common trajectories of regional competitiveness in the knowledge economy. A European investigation. *Industry and Higher Education*. Vol.20.6:387-401.
- Fonseca, Madalena (2008) Contribuição da UP para o desenvolvimento da Região Norte em direcção às Metas de Lisboa: para uma Região Europeia do Conhecimento. Encontro *PORTO, CIDADE, REGIÃO* - 3ª edição, Palácio da Bolsa 28 e 29 de Janeiro de 2008 (Workshop: Educação/ Formação). Porto: Universidade do Porto.
- Goldstein, Harvey A.; Renault, Catherine S. (2004) Contributions of Universities to Regional Economic Development: A Quasi-experimental Approach. *Regional Studies*. 38 (7):733-746.

Sessão 10 (16 e 17 de Maio)

Tema 9: Inovação e crescimento económico (Schumpeter I e II)

- Quando e onde ocorre a inovação?
- Porque se concentra em alguns lugares e em particular nas cidades globais e outras áreas metropolitanas ou *city-regions* como agora são designadas?

Schumpeter é hoje associado à identificação da inovação como motor do crescimento económico. Com efeito, o legado deste autor é importante sobretudo na compreensão do capitalismo industrial como um processo evolucionário e flutuante conduzido pela inovação técnica e organizativa.

Para Schumpeter, a inovação é assim, a principal fonte de dinamismo do desenvolvimento do capitalismo económico, sendo necessária uma perspectiva histórica para compreender os processos a longo prazo e os ciclos económicos associados à destruição criativa. É importante distinguir os conceitos de invenção dos de inovação e difusão de inovações assim como compreender a ligação entre as inovações técnicas, sociais e organizacionais.

Schumpeter atribuiu inicialmente uma raiz endógena às inovações, alicerçadas no papel empreendedor das pequenas e médias empresas. Mais tarde porém viria a reconhecer a importância das grandes empresas, nomeadamente as multinacionais, na criação de inovação através de grandes investimentos em Investigação e Desenvolvimento (I&D) e o seus contributos para a mudança tecnológica.

O caso de estudo seleccionado foca a relação entre a proximidade e a inovação, tema menos estudado, provavelmente por se admitir, à partida que essa relação é positiva e constante o que, na realidade, nem sempre acontece.

Bibliografia específica da Sessão:

Boschma, Ron (2005) Proximity and Innovation: A Critical Assessment. *Regional Studies*. Volume 39, Issue 1 February 2005 , pages 61 – 74.

Sessão 11 (23 de Maio de 2008)

Tema 10: Rescaling of labour relations: Collective bargaining between Europeanisation and regionalisation in Germany

Aula Erasmus a leccionar pela Prof. Susanne Heeg da Universidade de Frankfurt/Main

Tema 11: As cidade Globais

O texto que segue, na presente ficha, de enquadramento do tema, é composto por excertos extraídos de:

Fonseca, Madalena (2005) A Centralidade do Porto perante o Alargamento a Leste. In *Porto Cidade Região. Encontro de Reflexão Prospectiva. Comunicações*. Porto: Universidade do Porto. P290-325.

“Em torno do conceito de competitividade regional, foram-se desenvolvendo teorias ou paradigmas, que actualmente constituem o centro das atenções da geografia económica e em grande medida do planeamento e da política regional. Por um lado, temos os estudos sobre a concentração geográfica das actividades económicas, a partir de áreas, regiões e estados, e, por outro, os estudos ligados às cidades globais e suas redes, ambos interligados entre si e contribuindo para o que poderíamos designar por uma geografia da globalização.”

...“De uma forma geral, os estudos das cidades globais têm procurado provar a inexistência de estruturas hierárquicas.”

...“Paradoxalmente, também as propostas de análise da rede de cidades globais as apresentam estruturadas segundo níveis hierárquicos: as cidades *Alpha*, *Beta*, *Gamma* e com *Evidência* de formação de cidade global, respectivamente com vários sub-níveis (Friedmann, 1986; Sassen, 1991; Taylor, 2000), ainda que se acredite que, “World cities are the loci, not just of services in the central place sense, but of unique knowledge complexes as previously discussed. These monopoly conditions are relatively rare; they are not distributed in varying degrees across all cities” (Taylor, 2000, p.12).”

“O conceito de **global city**, cidade global ou cidade mundial, traduzindo literalmente, tal como actualmente o entendemos em geografia, foi introduzido por John Friedmann em 1986: “The World City Hypothesis, as I shall call these loosely joined statements, is primarily intended as a framework for research. It is neither a theory nor a universal generalization about cities, but a starting-point for political enquiry” (Friedmann, 1986, p. 69) e corresponde aos grandes centros urbanos de controle e comando, onde se localizam os centros de decisão das grandes multinacionais e onde se tem vindo a concentrar cada vez com maior intensidade a riqueza e o

poder. A sua principal característica é a concentração de serviços avançados à produção, nomeadamente serviços de contabilidade e consultoria, publicidade, banca e finanças e empresas de juristas (Rodriguez-Posé, 2003). Friedmann apresentou no seu texto pioneiro de 1986, 7 teses sobre as cidades globais, cuja discussão ultrapassa o âmbito deste texto, embora possa constituir uma espécie de *check-list* de avaliação das probabilidades de uma cidade ser uma *global city*, não deixando porém, o autor, logo ali, de chamar a atenção para as contradições entre o sucesso de ser uma *global city* e o preço humano que tantos dos seus habitantes têm de pagar, já que as clivagens no seu interior se acentuam fortemente na maior parte dos casos (Friedmann, 1986, p. 80)."

"Fundamentalmente a formação das *global cities* mostra as maiores contradições do capitalismo industrial, entre as quais a polarização espacial e social (Friedmann, 1986, p. 76), num inexorável processo de "urbanização contra a cidade" (Gaspar, 2000) ou numa terceira fase (limite) das relações entre as cidades e os Estados representada pelas "cidades versus Estados" (Taylor, 2000). A cidade "passou a ser fundamentalmente um negócio e não a sede dos negócios" (Gaspar, 2000, p. 1135). O crescimento das cidades globais é regra geral, determinado por um pequeno conjunto de sectores que crescem muito rapidamente.

As *global cities* são as âncoras da economia mundial globalizada. Não se afastam do "solo" mas concentram cada vez mais poder e riqueza (Veltz, 1996, p. 8). Não é só o poder económico mas também (e talvez sobretudo) o poder político que continua a atrair as actividades económicas para as grandes metrópoles, cujas "oportunidades mais importantes (para as cidades) podem não se encontrar no seu próprio território nacional", como Taylor demonstrou (2000, p. 6). Rodriguez-Posé e Zademach utilizaram recentemente uma metodologia original para estudar as cidades globais e especificamente as cidades alemãs, a qual se baseou na análise das fusões e aquisições já que estas representam hoje em dia, a maior fatia do investimento directo estrangeiro no Mundo (Rodriguez-Posé, 2003). Estes autores argumentam que é irrelevante a localização das sedes sociais das empresas ou dos bancos, a qual muitas vezes corresponde a uma casualidade local, ao lugar de nascimento do fundador, por exemplo. É muito mais significativo o lugar onde de facto as transacções ocorrem, por exemplo as fusões e aquisições, porque traduzem realmente os lugares onde são tomadas as decisões. Segundo eles, as fusões e aquisições na Europa "parece favorecerem as grandes áreas urbanas dos países do "centro", isto é do Norte, em detrimento dos pequenos centros do "centro" e dos centros urbanos da periferia sul " (idem, p. 1899).

“... As empresas têm tendência a procurar não apenas outras empresas para adquirir ou com quem se fundirem, nos grandes centros urbanos, não muito distantes mas, também de preferência, naquelas regiões onde se concentra o poder económico e político” (idem, p. 1912), nas cidades globais, enfim.”

...“Segundo Peter Taylor tem-se produzido muita teoria em torno das cidades globais mas pouca evidência empírica, fazendo falta estudos sobre as relações entre as cidades, nomeadamente um aprofundamento da análise dos fluxos entre elas (Taylor, 2000, p. 6). Para além disso, é preciso reconhecer que a maior parte dos autores se tem, também, apenas ocupado com os níveis mais altos das redes das cidades globais e olhado pouco para os centros mais marginalizados ou periferizados.”

...“A “economia arquipélago”, uma nova metáfora espacial como Veltz a apresentou no seu *Mondialisation, Villes et Territoires – L’Économie d’Archipel* (1996) poderia ser encarada como uma proposta alternativa que combina as visões da geografia da concentração económica de base regional, se assim lhe podemos chamar, com a geografia das redes de cidades globais, ainda que nunca tendo sido suficientemente desenvolvida, nem operacionalizada.”

... “A imagem de um «território em rede» .. desenha-se em contraste com a do bom velho «território das zonas»” (Veltz, 1996, p. 61). No entanto, os dois modelos não se excluem mutuamente mas coexistem. Veltz lança aliás mais perguntas que respostas ou propostas radicais, sobretudo quando se vê confrontado com as (novas) periferias (Veltz, 1996 e 2000): Há novas periferias ou as periferias estão inseridas de forma diferente no sistema mundial? Será que as periferias ao serem fraccionadas e interrompidas pelos pólos das redes de cidades e respectivas ligações (muitas vezes meros corredores de atravessamento) vão progressivamente perdendo a sua natureza e a razão de ser do seu nome? Estes espaços, outrora periféricos, numa situação de dominação e dependência, correm o risco de se converterem em espaços esquecidos, excluídos (Veltz, 1996, p. 56-57).”

Referências:

- Friedmann, John (1986) The World City Hypothesis (Editor’s Introduction). *Development and Change*. Vol.17. nº 1. pp. 69-83.
- Gaspar, Jorge (2000) A Urbanização Contra a Cidade. *Lecturas Geográficas – Homenaje al Professor Estébanez Álvarez*, Madrid: Editorial Complutense, pp. 1133-1141.
- Rodriguez-Pose, Andrés; Zademach, Hans-Martin (2003) Rising Metropoli: The Geography of Merges and Acquisitions in Germany. *Urban Studies*. vol. 40. n.10. pp. 1895-1923.

- Sassen, Saskia (1991) *The Global City: New York, London, Tokyo*. N.Y.: Princeton University Press.
- Sassen-Koob, Saskia (1986) – New York City: Economic Restructuring and Immigration. *Development and Change*. vol.17. nº 1. pp. 85-120.
- Taylor (2000) World cities and territorial states under conditions of contemporary globalisation. *Political Geography*. Vol. 19. pp. 5-32.
- Veltz, Pierre (1996) *Mondialisation, Villes et Territoires. L'Économie d'Archipel*. Paris : PUF. Économie en Liberté.
- Veltz, Pierre (2000) – European Cities in the World Economy. In Arnaldo Bragnasco; Patrick Le Galés (Ed) *Cities in Contemporary Europe*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 33-47.

Bibliografia específica da Sessão:

- Fonseca, Madalena (2005) A Centralidade do Porto perante o Alargamento a Leste. In *Porto Cidade Região. Encontro de Reflexão Prospectiva. Comunicações*. Porto: Universidade do Porto. P290-325.
- Taylor, Peter J.; Derudder, Ben (2004) Porous Europe: european Cities in Global Urban Arenas. *Tijdschrift voor Economische en Sociale Geografie*. Vol 95. Nº5: 527-538.

Sessão 13 (5 de Junho de 2008)

Sessão de Encerramento: debate em torno de um tema a seleccionar pelos estudantes

2.2. Conteúdos

Os conteúdos programáticos ficaram já expressos anteriormente, quer no Programa Base, quer nos temas definidos no presente ano. A metodologia seguida, de selecção de casos de estudo a partir dos quais serão apresentados os respectivos quadros teóricos e analisados os conceitos base poderá sugerir alguma desarticulação já que os conteúdos do Programa Base foram agrupados em função desses mesmos casos de estudo, nem sempre seguindo a sequência inicial. Centrando os trabalhos num estudo de caso, analisado pelos estudantes antes das sessões, conseguem-se melhores resultados porque a motivação é maior para estudos empíricos do que para estudos teóricos.

A selecção dos casos de estudo, a maioria dos quais em artigos científicos das principais revistas de geografia económica, o mais recente possíveis, sobre temas da actualidade, assegura uma grande mobilização dos estudantes. São exemplo disso os casos de estudo da Inditex, empresa detentora da marca Zara, o estudo do retorno económico dos grandes estádios e mega-eventos desportivos ou o estudo da geografia da boémia de Richard Florida. Trata-se de temáticas muito do agrado dos jovens estudantes, a partir das quais é possível introduzir os quadros teóricos mais complexos e que posteriormente vão precisar de aplicar.

A metodologia seguida permite ainda aos estudantes desenvolverem de forma mais intensiva alguns tópicos do seu interesse.

Há um conjunto restrito de tópicos que constituem o foco desta unidade curricular:

- A concentração das actividades económicas e a deslocalização industrial no quadro da globalização.
- As cadeias globais de valor, no quadro da nova divisão internacional do trabalho e das redes de cidades globais como âncoras locais de processos globais.
- A economia do conhecimento e as actividades intensivas em saber.
- A importância do capital humano e da inovação no crescimento económico e desenvolvimento regional.
- A importância das actividades culturais, desportivas e criativas na base económica das regiões.
- A importância das TIC nos padrões de localização das actividades.

Paralelamente ao conjunto de tópicos teóricos seleccionados para as sessões, há actividades e tarefas a desenvolver de iniciação à investigação empírica, que vão sendo realizadas e aprendidas:

- Pesquisa bibliográfica.
- Leitura e elaboração de sínteses de estudos empíricos (casos de estudo das sessões).
- Recolha de dados estatísticos no Eurostat.
- Construção de bases de dados, tratamento e análise.
- Apresentações orais e participação em discussões com argumentação coerente.

2.3. Métodos de ensino-aprendizagem

O ambiente de aprendizagem no Ensino Superior distingue-se dos restantes níveis de ensino uma vez que se destina a reforçar o capital humano da sociedade no seu nível mais elevado. A sociedade espera dos diplomados do ensino superior melhores trabalhadores e melhores cidadãos. Assim, os métodos de ensino vão muito para além da transmissão de conhecimento, no sentido de reforçar a capacidade de todos, estudantes e professores na mobilização do conhecimento, na aquisição de valores, na mudança de atitudes e nas suas competências.

Os métodos de ensino aprendizagem deverão assegurar a autonomia dos estudantes, o seu potencial inovador e criativo, a sua satisfação e capacidade de intervenção social e participação pública através da valorização dos seus conhecimentos e competências. O estudante inicia no Ensino Superior um longo caminho de aprendizagem ao longo da vida.

2.3.1. A Independência

A primeira reflexão que é pedida aos estudantes, sobretudo aos que entraram pela primeira vez na Universidade no corrente ano lectivo, centra-se na resposta a cinco perguntas simples mas críticas para todo o processo de aprendizagem e formação. Cada um deverá procurar responder, para si próprio, às seguintes questões (Clak;Wareham:2003.p.3):

- Porque veio para a Universidade?
- O que é que espera conseguir com o seu diploma universitário?
- Porque escolheu geografia e não outro domínio?
- O que gostaria de estar a fazer 5 anos depois de concluir a Licenciatura?

- Para além de ganhar dinheiro, existem outras coisas que gostaria de fazer ou tarefas a desempenhar de apoio social, familiar ou a amigos, daqui por 5 anos?

É importante que os estudantes tenham metas, “ambição” para organizarem o seu trabalho em função dos seus objectivos. A primeira preocupação pedagógica desta unidade curricular é a de tornar os estudantes independentes, com exigência e ambição. A falta de independência é aliás uma característica que se verifica na maior parte dos estudantes que chegam do ensino secundário muito provavelmente devido a um ensino bastante repressivo e tradicional que ali é feito. Ao chegarem à Universidade os estudantes não estão preparados para gerirem a sua própria agenda e têm demasiados receios e medos de tomar iniciativas.

2.3.2. O Método de trabalho

Os estudantes precisam de adquirir bons métodos de trabalho para realizarem o seu curso com êxito e eficácia e para na vida profissional conseguirem desenvolver as tarefas que lhes vão ser atribuídas.

Na Geografia Económica, espera-se que os estudantes leiam individualmente, durante a semana, o texto seleccionado para a sessão. Na sessão, aula teórico-prática, incluída nas horas de contacto actualmente, os estudantes deverão conhecer o texto com o caso de estudo, compreendê-lo, compreender e enunciar os objectivos do autor, a metodologia desenvolvida e os resultados alcançados. Depois de algumas sessões e temas desenvolvidos espera-se que a capacidade de debate e argumentação vá aumentando nas sessões mais avançadas e os estudantes vão participando cada vez mais activamente.

O próprio processo de aprendizagem da leitura e síntese dos artigos científicos distribuídos e a apresentação oral das suas análises, conclusões, dúvidas ou argumentações, constitui um exercício pedagógico em si mesmo de aprendizagem de resolução de problemas.

A metodologia seguida com a explicitação das leituras necessárias em cada sessão, numa quantidade razoável, mas limitada, realista e não desmotivadora, respeita a disponibilidade relativa dos estudantes face às outras unidades curriculares. Trata-se de uma selecção baseada na qualidade e menos na quantidade.

Os textos seleccionados são de compreensão fácil e pouco extensos. A sua componente empírica é sempre mais relevante do que a teórica no sentido de se tornarem mais acessíveis aos estudantes. A compreensão de um artigo não pressupõe a compreensão dos anteriores.

Para cada tema e com base no respectivo caso de estudo tratado no artigo científico seleccionado, os estudantes deverão elaborar uma pequena ficha de leitura, numa página A4, com tópicos ou comentários a um ou mais pontos ou aspectos metodológicos do artigo. Em cada aula, serão recolhidas pela professora, para análise crítica, de forma aleatória, algumas dessas fichas que constituem elementos para a avaliação na componente presença e participação nas aulas.

2.3.3. A aprendizagem colectiva

Sózinhos não aprendemos nada! É preciso que os estudantes aprendam a aprender uns com os outros e na interacção com os professores. A aprendizagem colectiva está a ser desenvolvida, este ano, em duas componentes mais relevantes da unidade curricular. Na discussão dos casos de estudo, nas aulas propriamente ditas, na dinamização dos fóruns temáticos da plataforma de *e-learning* e através da realização de um pequeno estudo empírico baseado nos dados recolhidos por todos os estudantes, serão desenvolvidos exercícios de aprendizagem colectiva.

O exercício empírico colectivo consiste, no presente Semestre, na aplicação parcelar das metodologias de Richard Florida e Rodriguez-Pose, relativamente à relação entre o capital humano e o crescimento económico das cidades. Cada estudante selecciona uma cidade europeia de grande dimensão e recolhe um conjunto de 4 ou 5 indicadores previamente definidos em conjunto. Um grupo de colegas recolhe os dados de todos na plataforma de *e-learning* e constrói a base de dados comum que será tratada e analisada. Será medida a correlação entre os indicadores definidos, no sentido de testar a metodologia de Florida embora de uma forma muito limitada. O objectivo é essencialmente de demonstração. Aprender fazendo e aprender com os outros.

2.3.4. A iniciação à investigação: a aprendizagem individual

A autonomia que se pretende cultivar nos estudantes, aplica-se também na aprendizagem da execução de um projecto individual de trabalho. É importante que os estudantes saibam converter uma ideia num projecto e sejam capazes de definir um plano de trabalho com uma metodologia consistente. Na Geografia Económica, o exercício do projecto individual é muito simples e limitado e consiste essencialmente na concepção e desenho do projecto e não na sua execução total.

Cada estudante deverá seleccionar um tema do seu interesse e convertê-lo num projecto de estudo, com as seguintes fases:

- Pesquisa bibliográfica para enquadramento teórico (1 ou 2 referências relevantes)
- Ponto de partida (baseado no enquadramento teórico)
- Objectivo do trabalho ou questão/ões de pesquisa
- Caso de estudo: descrição e breve contextualização
- Metodologia
- Teste à Metodologia ou pequeno ensaio de alguns dos pontos da mesma
- Antecipação de resultados
- Conclusão

2.3.5. Plataforma de *e-learning*

A Geografia Económica tem um espaço na plataforma de *e-learning* da Universidade do Porto (<http://moodle.up.pt/>).

Dois objectivos principais estiveram na origem da criação da disciplina online:

- Flexibilizar as relações entre estudantes e professora, simplificando-as e tornando-as mais informais
- Criar um espaço de criatividade e desenvolvimento do espírito de iniciativa dos estudantes

Para simplificar a comunicação entre os estudantes entre si e com a professora, desenvolvendo mecanismos de entreaajuda e apoio ao estudo mais informais, a plataforma não podia, à partida, constituir um meio redundante aos instrumentos de que já dispomos na UP, no âmbito das TIC's: o SIGARRA com o Email dinâmico e o Email comum. Era necessário conseguir mais valor acrescentado.

Assim, a plataforma foi estruturada da seguinte forma. Foram criados Fóruns Temáticos, correspondentes aos principais tópicos do programa, cada um gerido por dois estudantes.

Paralelamente foi aberto um espaço de Chat e de Comentários do Dia, para cada estudante poder informalmente levantar as suas questões.

Um dos fóruns destina-se ao desenvolvimento do trabalho empírico colectivo descrito anteriormente.

Todos os estudantes “gestores” dos fóruns têm permissões iguais às da professora para administrarem a plataforma.

A plataforma não podia tornar-se um “armazém” de textos e artigos, uma biblioteca digital redundante. Por essa razão, não deverão ser colocados textos, sem comentários. Cada participante que deseja divulgar um estudo, uma base de dados ou outra informação relevante, devê-lo-à fazer num texto próprio, em português, simples, de fácil leitura e conclusivo. Não poderá haver apenas informações a remeter para sites ou textos.

Trata-se de uma experiência ainda muito pouco desenvolvida e não é possível fazer um balanço global.

A participação tem sido muito reduzida até agora. Espera-se que com a aproximação do final do Semestre e a preparação para o exame, a mobilização aumente já que um dos objectivos da plataforma é o de ajudar ao estudo e ao esclarecimento de dúvidas.

A plataforma não pode converter-se por seu turno, num espaço alternativo, de atendimento aos alunos. O atendimento, cara-a-cara não deve ser nunca substituído pela comunicação por mail ou através da plataforma. Esses espaços têm de ser explorados para a sua própria vocação correndo-se o risco de os desvirtuar se assim não for.

A experiência da plataforma tem permitido alguma reflexão em torno do conceito de “aula”, lugar de aprendizagem e do papel do próprio professor no processo de ensino-aprendizagem. Se por um lado, o campus real parece estar a converter-se, pelo menos parcialmente, num campus virtual, também o professor é cada vez menos o centro do sistema de ensino, o pólo dos fluxos de conhecimento, tornando-se sim no facilitador, o criador de oportunidades para o estudante, o “aprendente” (Magalhães; Sousa: 2008). Nessa conformidade, a plataforma não poderia nunca ser usada, no meu entender, para o professor lançar mais bibliografia ou textos para os alunos lerem... Os textos para leitura obrigatória ou facultativa estão disponibilizados no SIGARRA, nos sumários ou foram enviados através do Email dinâmico. Por vezes, há textos que são enviados individualmente aos alunos por Email para os seus trabalhos específicos, numa relação personalizada.

No próximo ano, com menos estudantes e com novo design para a plataforma, serão desenvolvidas novas iniciativas de exploração das potencialidades da plataforma de *e-learning*.

3. Conclusão

A algumas semanas de terminar o Semestre e a aplicação do presente Programa e Metodologia, é possível fazer um breve balanço e reconhecer algumas preocupações e necessidades para o próximo ano lectivo.

Em síntese, é possível concluir que:

- O Programa revelou-se apropriado e despertou o interesse dos estudantes
- A metodologia da definição de temas semanais apoiados em casos de estudo revelou-se eficaz
- Dever-se-à definir anualmente um Programa específico diferente, para a Geografia Económica, com novos casos de estudo, para permitir aos estudantes atempadamente decidirem quando querem frequentar a unidade curricular e submeter-se à avaliação, em função das suas preferências e interesses.
- É necessário reformular a plataforma de *e-learning* e tornar a participação dos estudantes mais atractiva. Houve pouca mobilização. (É contudo necessário lembrar que não há muitos exemplos de casos de sucesso ou boas práticas de *e-learning* para disciplinas deste tipo e com um número de alunos tão elevado, nem na UP, nem noutras universidades nacionais e estrangeiras).
- É necessário preparar os estudantes no início do semestre, especialmente os que entram pela primeira vez na Universidade do Porto, para todo um conjunto de práticas de aprendizagem e participação, incluindo métodos de trabalho, utilização de recursos e comportamento pessoal e social, na sala de aula e fora dela.
- É necessário sensibilizar os estudantes para a necessidade da aprendizagem de línguas estrangeiras, no âmbito da intensificação do Processo de Bolonha e com o objectivo de aumentar a sua mobilidade e as suas capacidades para competir com os seus pares europeus, no mercado de trabalho.

4. Bibliografia

- Clark, Gordon; Wareham, Terry (2003) *Geography@university. Making the most of your geography degree and courses*. London: Sage.
- Coe, Neil; Yeung, Henry Wai-Chung (2006) Revitalizing Economic Geography through Teaching Excellence: Some Pedagogic Reflections. *Journal of Geography in Higher Education*. Vol 30. Nº3:389-404.
- Duranton, Gilles; Storper, Michael (2006) Agglomeration and growth: a dialogue between economists and geographers. *Journal of Economic Geography*. 6: 1-7.
- Ibert, Oliver (2007) Towards a Geography of Knowledge Creation. The Ambivalences between 'Knowledge as an object' and 'Knowing in Practice'. *Regional Studies* (41) 1:103-114.
- Leydesdorff, Loet, Meyer, Martin (2006) Triple Helix indicators of knowledge-based innovation systems. Introduction to the special issue. *Research Policy*. vol35.
- Magalhães, António M; Sousa, Sofia (para publicação em 2008) The European Higher Education Area and the transformation of educational categories in higher education. Annual Conference of the Society for Research into Higher Education (SRHE).
- Malmberg, Anders, Maskell, Peter (2006) Localized Learning Revisited. *Growth and Change*. Vol 37. 1: 1-18.
- Menezes, Isabel; Coimbra, Joaquim Luís; Campos, Bartolo (ed)(2005) *The affective dimension of education: European perspectives*. Porto: Centro de Psicologia da Universidade do Porto e FCT.
- Scott, Allen J. (2004) A perspective of economic geography. *Journal of Economic Geography*. vol. 4:479-499.

